

# Mais pastagens, menos devastação

## Tecnologia Permite Redução de Queimadas na Formação de Pastagens

Judson Ferreira Valentim

O Estado do Acre, com 152.589 km<sup>2</sup>, tem como cobertura vegetal predominante a floresta tropical úmida aberta (77%) e densa (14%) (IBDF, 1984).

A ocupação da Amazônia e do Acre, em particular, a partir da década de 60, tem sido um processo dirigido através de programas dos governos estadual e federal.

Esta ocupação tem como objetivo resolver problemas de natureza social, econômica e política.

A relativa escassez de conhecimentos científicos disponíveis sobre os mecanismos que garantem a sobrevivência da floresta pluvial tropical, predominante na região, está longe de permitir que se possa recomendar a exploração, em grande escala e ecologicamente segura, desse fantástico *bioma*.

Brown (1985) observou que o processo de degradação dos solos agrícolas excede ao processo de formação de solos, a uma taxa de 25,4 bilhões de toneladas por ano. A desertificação como uma consequência do manejo inadequado dos solos e mudanças climáticas continuam ocorrendo a taxas crescentes. A perspectiva é alarmante se considerarmos que a relação entre a área desmatada e a área reflorestada é de 10:1 na América Latina. Mais de 11 milhões de hectares de florestas tropicais estão sendo desmatados a cada ano, uma taxa que reduz as áreas de floresta do mundo em 6% a cada década (Brown & Wolf, 1985).

Na pressa de colonizar a Amazônia, a importância dos recursos florestais para as economias amazônicas tem sido menosprezada em termos de valor,

potencial de absorção de mão-de-obra e benefícios derivados da floresta. A preocupação nacional e internacional acerca do desflorestamento dos trópicos e, em particular, da Amazônia brasileira, tem originado polêmicas sobre o assunto (Hecht, 1981, 1982a, 1982b, Gentry, 1980). Embora não haja consenso, existem estimativas sobre as taxas e magnitude do desmatamento da Amazônia. Dos 280 milhões de hectares de floresta da Amazônia brasileira, estima-se que, atualmente, aproxima-se de 1 milhão de hectares desmatados por ano. Cerca de 95% das áreas desflorestadas destinam-se à pecuária de corte extensiva (Hecht, 1982a).

Entre 1976 e 1978, cerca de 2 milhões de hectares foram desmatados apenas na Amazônia brasileira. Se as taxas atuais de desflorestamento forem

extrapoladas, ignorando a tendência das taxas para aumentar em muitas áreas, pode-se estimar que mais de 11 milhões de hectares da Amazônia brasileira terão sido devastados, a grande parte dos últimos 10 anos (Hecht, 1982a). Em zonas onde o desmatamento tem sido particularmente acentuado, Tardin et al (1977) mostrou que aproximadamente 1/3 das florestas tem sido substituídas por outros tipos de uso da terra, especialmente a pecuária de corte.

O debate sobre a magnitude do desmatamento no Acre tem sido acentuado por várias preocupações decorrentes da ocupação destas áreas por índios e seringueiros e do processo utilizado na incorporação das áreas de florestas aos sistemas de produção agropecuária. Estas áreas são ocupadas por seringueiros que desenvolvem atividades de



extração do látex da seringueira e coleta da castanha-do-brasil, além de obterem grande parte dos produtos de que necessitam para sua sobrevivência na floresta. Este sistema está altamente adequado ao ecossistema da floresta tropical e causa pouco ou nenhum dano ao meio ambiente. A adoção de práticas agrícolas em pequena escala resulta em impacto pouco significativo no meio ambiente, se o extrativismo continua como a atividade predominante.

Quando ocorre o desmatamento em média e larga escala, grande parte da madeira cortada é simplesmente queimada. Embora falte infra-estrutura e incentivos de preços suficientes, o desperdício de milhões de metros cúbicos de madeiras pelas queimadas não pode ser simplesmente esquecido, especialmente se considerarmos que

muitas florestas de alto valor econômico tem sido frequentemente substituídas por sistemas de uso da terra instáveis e inadequados. Isto tem ocorrido no Estado do Acre, onde florestas ricas em seringueiras e castanheiras nativas foram desmatadas e as áreas convertidas em pastagens.

A utilização de espécies não adaptadas às condições *edafoclimáticas* da região e de práticas inadequadas de formação e manejo das pastagens resulta na degradação do solo, da pastagem e do meio ambiente, reduzindo a produção de forragem e a produtividade do rebanho. Como consequência, há a necessidade contínua de novos desmatamentos para a formação de pastagens.

Pesquisas conduzidas no Acre desde 1979 mostram a viabilidade da recuperação de pas-

tagens em degradação através da consorciação com a leguminosa forrageira *Pueraria phaseoloides*, reduzindo o impacto ambiental da pecuária e contribuindo para a preservação do meio ambiente. Esta leguminosa, adaptada às condições edafoclimáticas da região produz forragem de qualidade três vezes superior à média dos capins geralmente plantados no Acre (colonião, braquiarinha, brizantão e jaraguá). A *Pueraria* protege e fertiliza o solo (através da fixação de nitrogênio do ar), reduz a perda de umidade, a erosão, compactação e lixiviação de nutrientes, além de propiciar um ecossistema diversificado e, portanto, menos susceptível ao ataque de pragas e doenças. A *Pueraria* também reduz a ocorrência de plantas invasoras e evita a necessidade da queima anual das pastagens.



A adoção desta tecnologia permite elevar a capacidade de suporte das pastagens de 0.5 cabeças/hectare para 1.5 cabeças/hectare, durante o período da seca, e de 1.0 cabeça/hectare para 2.5 cabeças/hectare, durante o período das chuvas. O ganho de peso aumenta de 90 para 220 kg/animal/ano. A produção de carne aumenta de 70 para 440 kg/hectare/ano. Atualmente já existem 20 mil hectares implantados com esta tecnologia no Acre. Há também grande interesse de pequenos e grandes produtores na adoção desta tecnologia por sua simplicidade, baixo custo e capacidade de preservar o meio ambiente, evitando a necessidade de novos desmatamentos para a formação de pastagens, um processo que requer grande dispêndio de tempo e recursos financeiros.

No Acre existem aproxi-

madamente 500 mil hectares de pastagens e cerca de 500.000 cabeças de gado. A adoção desta tecnologia nestas áreas de pastagens permitiria duplicar e até triplicar o rebanho (1 a 1.5 milhão de cabeças) sem necessidade de novos desmatamentos. Como este aumento do rebanho somente será possível a médio e longo prazo, propomos a suspensão dos desmatamentos e queimadas para a formação de pastagens. Isto será possível através da recuperação e do melhoramento das pastagens já existentes utilizando leguminosas e divisão das áreas, a fim de permitir melhor utilização do pasto e da terra, aumentando a produção animal e o rendimento por área.

O colapso de alguns sistemas agropecuários aliado à natureza especulativa de grande parte do processo de ocupação

da terra requer um reexame do processo de desmatamento e do uso da terra. O que se discute é a utilização da terra que destrói o meio ambiente e a busca de alternativas ao desmatamento enquanto parte de um processo produtivo racional.

É necessário desenvolver uma conscientização de que a floresta e a terra são os bens mais importantes que nos foram legados. Estes bens não pertencem apenas a nós, mas também às gerações futuras. Se as florestas forem destruídas, os solos empobrecidos, os rios e o ar poluídos e as fontes de água secarem, estaremos comprometendo a qualidade de vida e a própria sobrevivência das futuras gerações.

*Judson Ferreira Valentim  
Engenheiro agrônomo, Ph D,  
pesquisador da Embrapa  
UEPAE de Rio Branco*